

A todo risco

Villas-Bóas Corrêa

SE os sinais detectados de dissimulada conivência do governo da antecipada derrota dos cinco anos de mandato para o presidente José Sarney registram, de fato, uma antevisão do resultado da batalha que ainda não aconteceu e que deve ocorrer dentro de dois meses ou pouco mais, então justificam-se todas as lamentações do remorso por um erro de doses duplas e de tamanho família.

Porque das duas uma: ou Sarney entrou com tudo na jogada dos cinco anos com a prévia certeza da vitória ou atirou-se de cabeça, como quem mergulha do trampolim sem conferir se a piscina está cheia, numa opção de risco máximo.

Não se comparem as duas situações. Uma coisa é o governo embarcar, na hora certa, no comboio dos quatro anos; outra é saltar no estribo, com o bonde a nove pontos, para agarrar no balaústre do reboque dos cinco anos.

Vamos lá à avaliação das diferenças. Ora, pois que simples. Basta acionar a cuca e simplesmente comparar situações que não se assemelham porque são rigorosamente opostas.

O Sarney de quatro anos assumidos publicamente, de peito aberto, na solenidade de um compromisso com a Constituinte, com os partidos e as lideranças — e principalmente com as ambições presidenciais, ostensivas ou enustadas — ascende à condição instantânea de garantia da transição e da sucessão. Lógico: a ninguém interessa desestabilizar um presidente que é insubstituível, rigorosamente insubstituível, no fecho da institucionalização democrática.

Imagine-se as hipóteses extremas. A cuca do Brizola ou do Lula. Pois nem às barbas do pctista, nem às reincidentes ambições do engenheiro acudiria balançar o Sarney no andor de padroeiro da transição precipitada com a realização de eleições diretas este ano. Muito pelo contrário. Sarney seria protegido, recolhido à redoma, tão intocável quanto a sua obstinação em preservar a imparcialidade do governo, a isenção do monstrenço oficial.

Não era só isso. Também a facilidade de um calendário repleto, da pauta do ano lotada de emoções encadeadas. Daqui até não se sabe quando, a Constituinte engolfada na votação dos temas polêmicos, centralizando atenções nos acertos e desconchavos das definições políticas, como o sistema de governo, a ratificação da eleição em dois turnos, a reforma partidária. Além, claro, dos apaixonantes choques entre o centro e a esquerda nos capítulos das reivindicações sociais.

Da Constituinte, antes mesmo de promulgada a futura Constituição, o país saltaria, sem intervalo, para o passionalismo de uma campanha eleitoral de encher as medidas pelo seu repertório de povidades, como a possível final do confronto ideológico, com duas eleições com o intervalo de 45 dias. Cardápio cheio, sem brecha. Este final de ano e até a transmissão do cargo em 15 de março de 89, já se poderia considerar empicada. O clima do país se transformaria da noite

para o dia. Nada de greves, de agitações, de desordem. Todo o cuidado, o máximo de cautela para proteger a transição de cristal, que não pode ser trincada. Preservá-la é o dever, o compromisso, o empenho de todos.

O presidente Sarney chegou a provar o gosto do desafogo dos quatro anos quando, em cima da decisão da Comissão de Sistematização, admitiu que a tendência da Constituinte era irreversível, afinada com a clave das ruas. De imediato, como em passe de mágica, passou a ser poupado. Mas foi impossível resistir ao canto de sereia da virada do *Centrão*. O governo, em ação coordenada, reincidiu e marchou, na cadência da ordem unida, para a operação da coleta de assinaturas constituintes à emenda dos cinco anos.

O quadro reverteu. O governo passou a amargar uma oposição implacável, pipocaram as denúncias de corrupção. Encurralado, Sarney reagiu com vivacidade.

Estão à vista os destroços da manobra temerária. Sarney não folgou um minuto. E o *Centrão* que se afirmava como o ponto de apoio de uma Constituinte largada à própria sorte, repudiada pelo encolhimento do governo e as omissões marotas do PMDB, acabou fígado e envolvido no lance dos cinco anos. O preço é a evidência dos seus rachas e que ameaçam a tranquilidade de uma maioria identificada com o governo. Menos, claro, para meter a mão na cumbuca da decisão sobre o mandato de Sarney.

Na cadeia dos equívocos resta apurar se haverá tempo e oportunidade para a retificação. Pode ser que Sarney ainda aplique o dribble de corpo e com uma boa ginga recupe a posição de presidente da transição, imparcial, isento, conformado com os quatro anos. Não é fácil. O governo foi longe demais, bloqueou os caminhos de retorno.

Agora, o jeito é torcer para que se encontre a saída. Com os quatro anos sempre será mais sereno. Derrotado ou não, Sarney será reconhecido como o fiel da transição. Cinco anos é o imprevisível, o improvável, desenhando o horizonte de turbulências.

A esta altura parece negável que Sarney fez a opção dos quatro anos tranquilos por um lance envolto em perigos e sobressaltos. Dos cinco ele pode retornar aos quatro anos com a autoridade amarfanhada, necessitando ser passada a ferro. E os cinco anos não oferecem uma boa alternativa do ângulo de hoje, com a crise econômica disparando e o povo amuado sinais de impaciência.

Se perder no teste decisivo do plenário, é sempre um governo derrotado no crepúsculo, na hora cinzenta do final de mandato, amargando a redução imposta pela Constituinte-bostil. E até a vitória distante propõe dois anos com amplos vazios, o intervalo entre a Constituição promulgada e a véspera da campanha. Antecipada na crueza dos ataques a um governo que será identificado como o alvo de todas as flechas e de todos os disparos.

Escolha errada nem sempre tem concerto.